



Autoconceito em estudantes universitários de Moçambique: Estudo das relações e diferenças em função de variáveis pessoais e contextuais dos alunos

Self-concept in university students of Mozambique: Study of the relations and differences according to the students' personal and contextual variables

Farissai Campira*, Alexandra Araújo**, Leandro Almeida***

*Universidade Pedagógica, Beira – Moçambique, **Universidade Portucalense, ***Universidade do Minho

Resumo

O autoconceito é uma variável que acompanha a individualidade e os contextos de vida dos sujeitos. O Ensino Superior, pela sua complexidade, surge como um contexto que afeta a autoperceção dos estudantes, surgindo diferenças a ter em conta quando se trata de estudar os percursos de vida dos estudantes e como esses afectam a sua identidade. Neste artigo analisam-se as relações e diferenças no autoconceito em função de variáveis pessoais e de contexto dos alunos universitários de Moçambique. Participaram neste estudo 250 alunos da Universidade Pedagógica na Beira com idades entre 16 a 55 anos ($M = 29.08$; $DP = 7.75$), sendo 103 (41.2%) do sexo masculino. Destes 102(40.8%) tem até 23 anos de idade. Foi administrado o Questionário de Autoconceito para Estudantes Universitários de Moçambique. Os resultados mostram diferenças em função do género apenas nas dimensões do autoconceito religioso, do autoconceito académico e do autoconceito social, estas duas últimas dimensões a favor do género masculino. Tomando agora a variável idade, surgem diferenças com significado estatístico a favor dos estudantes com idade superior a 23 anos nas dimensões do autoconceito académico e autoconceito social. Finalmente verifica-se alguma associação do autoconceito com algumas variáveis, nomeadamente o ano do curso e o nível de escolaridade dos pais, sugerindo alguma diversidade nos alunos que frequentam hoje o Ensino Superior e que merece ser atendida pelas instituições.

Palavras-chave: Autoconceito, Ensino Superior, Moçambique, Diferenças de género.

Abstract

Self-concept is a variable that accompanies individuals' individuality and life contexts. Higher education, due to its complexity, is a context that influences students' self-perception, with differences to be taken into account when studying students' life paths and how they influence their identity. This article analyzes the relationships and differences in self-concept as a

function of personal and context variables of university students in Mozambique. A total of 250 students from the Pedagogical University of Beira aged 16-55 years ($M = 29.08$, $SD = 7.75$) participated in this study, of which 103 (41.2%) were male. Of these 102 (40.8%) are aged up to 23 years. The Self-Concept Questionnaire for University Students of Mozambique was administered. The results show differences according to gender only in the dimensions of religious self-concept, academic self-concept and social self-concept, the latter two dimensions favoring males. Taking into account the variable age, there are statistically significant differences in favor of students over the age of 23 in the dimensions of academic self-concept and social self-concept. Finally, there is an association of self-concept with some variables, namely the year of the course and the parents' academic background, suggesting some diversity in the students who attend Higher Education, which should be observed by the institutions.

Keywords: Self-concept, Higher Education, Mozambique, Gender differences

Introdução

Desde a independência do País, as Instituições de Ensino Superior (IES) em Moçambique cresceram de forma acelerada. Tal crescimento vai acompanhado com maior ingresso de estudantes de diferentes contextos sociais e camadas socioeconómicas, proporcionando uma acentuada heterogeneidade de estudantes. Esta diversidade nem sempre aparece devidamente atendida por parte das IES.

Vários autores consideram o primeiro ano da universidade como momento de transição, carregado de desafios que poderão ser vivenciados de forma diferenciada em função das características dos alunos e da forma como as instituições educativas se organizam para dar resposta a esses desafios (Almeida, Soares, & Ferreira, 2002; Barros & Moreira, 2013; Campira, Araújo, Almeida, 2016; Campira, 2016; Craven,

Marsh, & Burnett, 2004; Soares, Almeida, Diniz, & Guisande, 2006; Fryer, 2015; Soares, Almeida, 2005; Soares, Francischetto, Dutra, Miranda, Nogueira, Araújo, & Almeida 2014). Com efeito, a forma como são vivenciados esses desafios, associado as diferenças em termos de contextos de vivência, de idade ou de condições económicas, entre outras, pode influenciar a forma como estes alunos desenvolvem a percepção de si mesmos e as suas vivências no contexto académico. Importa atender que o desenvolvimento dos indivíduos depende da forma como representa ou reestrutura, em termos cognitivos, as vivências do contexto (Marsh & Hattie, 1996). Por exemplo as profundas transformações tecnológicas, culturais, económicas são apontadas como factores que podem explicar a flutuação da imagem que os indivíduos têm de si (autoconceito) e do seu desenvolvimento psicossocial (Morreira, Barros, & Monteiro, 2014).

O autoconceito é um constructo que acompanha o desenvolvimento do individuo, sendo influenciado pelos factores de ordem pessoal, académica e contextuais (Andrade, 2016; Barros & Morreira, 2013; Campira, Araújo & Almeida, 2015, 2016; DeFreitas & Rinn, 2013; Fryer, 2015; López, Valasquéz, 2014; Pipa & Peixoto, 2014; Marsh & Burnett, 2003). Na generalidade, estudos realizados tomando as variáveis género e idade dos alunos são menos consensuais em relação aos resultados obtidos (Madina & Arratia, 1999; Veiga, 1996). Por exemplo, enquanto alguns estudos apontam para a não diferenciação do autoconceito em função do género (Baltasar, 2014; Barros & Morreira, 2013; Garcia & Lujan, 2003; Garcia, Musitu, Riquelme, & Riquelme, 2011; Faria & Santos, 2006; Véliz-Burgos & Urquijo, 2012), outros constataram que os homens superam as mulheres nos domínios físico, académico e emocional (Faria & Azevedo, 2004; Fernández, 2008; Matovu, 2014; Pauriyal, Sharma, & Gulati, 2010; Stocker & Faria, 2009; Veliz-Burgos & Urquijo, 2012), enquanto as mulheres posicionam-se melhor no autoconceito social, verbal, valores espirituais/religiosos e moral (Faria & Azevedo, 2004; Marjoribanks & Mboya, 2001; Pauriyal, Sharma, & Gulati, 2010; Stocker & Faria, 2009). Por outro lado, estudos apontam para alguma estabilidade do autoconceito com o avanço da idade (Barros & Morreira, 2013; Madina & Arratia, 1999; Veiga, 1996), outros sugerem que com o avanço da idade e em função das experiências escolares este autoconceito sofre alguma alteração, surgindo dimensões mais e menos valorizadas. Por exemplo, o autoconceito físico/ aparência física, as habilidades musicais e a relação com os pares parece ser as dimensões mais valorizadas pelos mais novos enquanto os mais velhos tendem a atribuir maior relevância para as dimensões do autoconceito familiar, do autoconceito social, do autoconceito académico e do autoconceito emocional (Faria & Santos, 2006; Marjoribanks & Mboya, 2001; Veliz-Burgos & Urquijo, 2012; Veliz-Burgos, 2010).

No presente artigo procuramos estudar: i) as relações entre o autoconceito e algumas variáveis pessoais e contextuais dos alunos; e ii) as diferenças no autoconceito em função das variáveis pessoais dos alunos universitários de Moçambique.

Metodologia

Participantes

Participaram neste estudo 250 alunos da Universidade Pedagógica na Beira com idades entre 16 a 55 anos ($M = 29.08$; $DP = 7.75$), sendo 103 (41.2%) do sexo masculino e 147 (58.8%) do sexo feminino. Destes 102 (40.8%) tem até 23 anos de idade e os restantes 148 (59.2%) tem idades superiores a 23 anos. Estes estudantes estão distribuídos por vários cursos da Universidade Pedagógica nomeadamente: Educação de infância 67 (26.8%), Ensino Básico 20 (8.0%), Psicologia 36(14.4%), Ciências da Educação 18(7.2%), Filosofia 19 (7.6%), Administração e Gestão Escolar 26(10.4%), História 16(6.4%), Português 23(9.2%) e Educação Física e Desportos 25(10.0%). Em termos de anos escolares 83(33.2%) são do 1º ano, 44(17.6%) do 2º ano, 40(16%) do 3º ano e 83(33.2%) do 4º ano.

Instrumento

Foi administrado o Questionário de Autoconceito para Estudantes Universitários de Moçambique (Campira, Araújo, & Almeida, 2015), de 24 itens distribuídos em cinco dimensões do autoconceito nomeadamente: autoconceito artístico (5 itens), autoconceito religioso (5 itens), autoconceito académico (5 itens), autoconceito social (5 itens) e autoconceito físico (4 itens). Esse conjunto de cinco fatores explica 57.8% da variância total da escala.

Procedimentos

Os estudantes foram convidados a participar voluntariamente nesta atividade de avaliação, após a informação acerca dos objetivos do estudo e do tratamento dos dados. Os dados foram recolhidos em sala de aula, em tempo extralectivo. Foi aplicado o questionário a uma amostra de 250 estudantes da Universidade Pedagógica da Beira. A análise estatística dos resultados recorreu ao SPSS para Windows 20.

Resultados

Na tabela 1 apresentamos a relação entre o autoconceito com a idade e as habilitações escolares do pai e da mãe. Para o efeito recorremos ao coeficiente de correlação produto x momento de Pearson.

Tabela 1.

Associação entre o autoconceito e as variáveis pessoais e contextuais dos alunos universitários de Moçambique.

	Idade	Escolaridade mãe	Escolaridade pai
AC Religioso	.12	-.03	.00
AC Artístico	.13*	-.06	-.01
AC Académico	.21**	-.04	-.08
AC Social	.12	-.18**	-.13*
AC Físico	.08	.05	.01

*Significativa para $p < .05$; **Significativa para $p < .01$. AC = Autoconceito

Observando a tabela 1, verifica-se alguma associação fraca entre as dimensões do autoconceito artístico e académico com a idade. Já a dimensão do autoconceito social (e apenas esta dimensão) aparece associada com os níveis de escolaridade da mãe e do pai dos estudantes.

Procurando atender ao objectivo do estudo das diferenças no autoconceito em função da variável género dos alunos universitários, apresentamos na tabela 2 os resultados deste estudo recorrendo ao teste t para amostras independentes.

Tabela 2.

Diferenças no autoconceito em função da variável sexo

Significativa para $p < .01$; *Significativa para $p < .001$; NS= Não Significativa

	Sexo	N	M	DP	t	gl	p
Autoconceito Religioso	Masc.	103	4.36	1.20	-4.31	248	***
	Fem.	147	4.92	.87			
Autoconceito Artístico	Masc.	103	4.06	1.13	1.49	248	NS
	Fem.	147	3.84	1.14			
Autoconceito Académico	Masc.	103	5.04	.61	3.11	248	**
	Fem.	147	4.78	.69			
Autoconceito Social	Masc.	103	5.20	.76	3.09	248	**
	Fem.	147	4.90	.75			
Autoconceito Físico	Masc.	103	4.90	.85	-.35	248	NS
	Fem.	147	4.94	.99			

Tomando os resultados em função da variável género dos estudantes, os resultados da tabela 2 apontam para alguma diferenciação nos resultados nas dimensões de autoconceito religioso a favor das estudantes (sexo feminino), enquanto os homens superam as suas colegas nas dimensões do autoconceito social e do autoconceito académico. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas outras dimensões (artística e física) do autoconceito.

De seguida testamos as diferenças no autoconceito em função da variável idade dos alunos recorrendo de novo ao teste t para amostras independentes, diferenciando dois grupos de estudantes (até aos 23 anos e com mais de 23 anos). Os resultados desta análise são apresentados na tabela 3.

Tabela 3.

Diferenças no autoconceito em função da variável idade dos estudantes universitários

	Idade	N	M	DP	t	gl	p
AC Religioso	1(até 23 anos)	102	4.61	1.10	-1.05	248	NS
	2(> de 23 anos)	148	4.75	1.01			
AC Artístico	1(até 23 anos)	102	3.79	1.18	-1.67	248	NS
	2(> de 23 anos)	148	4.03	1.10			
AC Académico	1(até 23 anos)	102	4.74	.71	-2.96	248	**
	2(> de 23 anos)	148	4.99	.63			
AC Social	1(até 23 anos)	102	4.89	.82	-2.31	248	*
	2(> de 23 anos)	148	5.11	.71			
AC Físico	1(até 23 anos)	102	4.88	.96	-.54	248	NS
	2(> de 23 anos)	148	4.95	.92			

*Significativa para $p < .05$; **Significativa para $p < .01$; NS= Não Significativa

Tomando os valores da tabela 3, constata-se diferenças com significado estatístico apenas nas dimensões do autoconceito social e autoconceito académico a favor dos alunos mais velhos, nas restantes dimensões (autoconceito religioso, autoconceito físico e autoconceito religioso) não foram constatadas diferenças com significado estatístico.

Discussão e Considerações Finais

Os resultados desta pesquisa permitiram constatar que em termos de diferenças em função do género, as mulheres superam os homens no autoconceito religioso, enquanto os homens apresentam pontuações mais elevadas nas dimensões do autoconceito social e do autoconceito académico. Estes resultados são menos surpreendentes, aliás estudos do contexto moçambicano (Campira, Araújo, & Almeida, 2014; 2015; 2016; Campira, 2016) e mais internacionais (Faria & Azevedo, 2004; Pauriyal, Sharma, & Gulati, 2010) apontaram também para a superioridade das mulheres nesta dimensão do autoconceito. Essa constatação sai reforçada com estudos que apontam a religiosidade como prática mais valorizada na socialização e desenvolvimento do povo africano (Campira et al., 2015; Castiano, 2013; Micaelo, 2012; Mahumane, 2008; Mwamwenda, 2004), surgindo a mulher moçambicana como a protagonista da prática religiosa. Por outro lado, os homens apresentam autoconceito superior na dimensão académica como acontece em outras pesquisas (Faria & Azevedo, 2004; Pauriyal, Sharma, & Gulati, 2010; Stocker & Faria, 2009), situação diferente foi constatada no estudo de Garcia et al. (2011), onde as mulheres superam os homens nesta dimensão. De qualquer forma, a disparidade em termos de acesso ao ES entre homens e mulheres no contexto universitário de Moçambique (tendencialmente a favor dos homens) pode justificar

essa diferença, tendo em conta que a vivência nesses contextos de vida pode favorecer o desenvolvimento do autoconceito e portanto os homens poderão se sentir mais competentes em comparação com as mulheres.

Apesar dos resultados afastarem-se, em parte, dos constatados em outros estudos que apontam para a superioridade das mulheres no autoconceito social (García et al., 2011; Pauriyal, Sharma, & Gulati, 2010; Stocker & Faria, 2009), os nossos resultados sugerem que os homens deste contexto tendem a ser mais expansivos do que as mulheres, sugerindo alguma especificidade cultural da população universitária de Moçambique.

Tomando agora as diferenças em função da idade dos alunos, os resultados apontam para alguma diferenciação nas dimensões social e académica a favor dos mais velhos corroborando com resultados de outros estudos (Faria & Santos, 2006; Marjoribanks & Mboya, 2001; Veliz-Burgos, 2010; Veliz-Burgos & Urquijo, 2012). Essa situação pode ser explicada tendo em conta que os alunos mais velhos com as suas ocupações profissionais associadas a diversidade de papéis sociais que vão assumindo, tendem a ser mais populares do que os mais novos. Essa popularidade poderá ser decisiva no desenvolvimento da sua autonomia e da maturidade, tão necessária na escolha de carreira e no envolvimento académico.

Num estudo de Paiva e Lourenço (2011), verificaram que o autoconceito aparecia associado ao género, ao ambiente da sala de aula e as notas escolares obtidas. No presente estudo, o autoconceito associa-se ao género, idade e a escolaridade do pai e da mãe, sendo essas variáveis que maior influência exercem sobre o autoconceito dos alunos, pois a diferenciação de papéis sociais entre homens e mulheres assumidos em diferentes momentos evolutivos poderão ser decisivos na flutuação do autoconceito dos alunos.

Referências Bibliográficas

- Almeida, L. S., Soares, A. P. C., & Ferreira, J. A. (2002). Questionário de Vivências Académicas (QVA-r): Avaliação do ajustamento dos estudantes universitários. *Avaliação Psicológica*, 2, 81-93.
- Andrade, C. (2016). A construção da identidade, autoconceito e autonomia em adultos emergentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, 20(1), 137-146.
- Baltasar, D. M. S. (2014). *Relación entre autoconcepto, ansiedad e inteligência emocional: eficacia de intervencione en adolescentes universitarios*. Tesis doctoral. Badajoz: Universidade de Extremadura.
- Barros, R. M. A., & Moreira, J. A. (2013). Autoconceito global em estudantes do ensino superior: um estudo comparativo entre iniciantes e finalistas. *Psicologia em Revista*, 19(2), 232-249.
- Campira, F. P. (2016). *Construção e validação de uma escala de autoconceito: Estudo com alunos do 1º ano da Universidade Pedagógica de Moçambique*. Tese de doutoramento em Ciências de Educação: Psicologia da Educação, Universidade do Minho, Braga-Portugal.
- Campira, F. P., Araújo, A. M., & Almeida, L. S. (2014). Autoconceito em alunos moçambicanos: Resultados em função do género e contexto sócio-cultural. *I Seminário internacional "Cognição, aprendizagem e rendimento"* Fevereiro, 3 e 4. Uminho, Braga-Portugal pp. 21-30.
- Campira, F. P., Araújo, A. M., & Almeida, L. S. (2015). Construção e validação de uma escala de autoconceito para estudantes universitários de Moçambique. *Psicologia, Educação e Cultura*, 2(19), 74-88.
- Campira, F. P., Araújo, A. M., & Almeida, L. S. (2016). Autoconceito, vivências académicas e satisfação com a vida: Estudo com alunos universitários de Moçambique. *Psicologia, Educação e Cultura*, 1(XX), 101-113.
- Castiano, J. P. (2013). *Os saberes locais na academia*. Maputo: Editora Educar.
- Craven, R., Marsh, H., & Burnett, P.C. (2004). *Breaking the self-concept enhancement Conundrum: re-conceptualising the next generation of self-concept enhancement research*. In: NZARE/AARE conference 2003: Educational Research, Risks, & Dilemmas, 29 November – 3 December 2003, Auckland, New Zealand.
- DeFreitas, S. C., & Rinn, A. Academic achievement in first generation college students: The role of academic self-concept. *Journal of the Scholarship of Teaching and Learning*, 13(1), 57 – 67
- Faria, L., & Azevedo, A. S. (2004). Manifestações diferenciais do autoconceito no fim do ensino secundário português. *Paidéia*, 14(29), 265-276.
- Faria, L., & Santos, N. L. (2006). Autoconceito académico, social e global em estudantes universitários. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 3, 225-235.
- Fernández, A. R. (2008). *El autoconcepto físico y el bienestar/malestar psicológico en la adolescência*. Tesis doctoral en Psicodidáctica. Universidad del País Vasco.
- Fryer, L. K. (2015). Predicting self-concept, interest and achievement for first-year students: The seeds of lifelong learning. *Learning and Individual Differences*, 38, 107-114.
- García, F. G., & Luján, R. S. (2003). Autoconceito en jóvenes sedentarios y practicantes desportivos. *EduPsykhé. Revista de Psicología y Psicopedagogía*, 2(2), 259-272.
- García, J. F., Musitu, G., Riquelme, E., & Riquelme, P. (2011). A confirmatory factor analysis of the "Autoconcepto Forma 5" questionnaire in young adults from Spain and Chile. *Spanish Journal of Psychology*, 14(2), 648-658.
- López, J. M. B., & Velásquez, F. R. (2014). Estudio de la autopercepción y los estilos de aprendizaje como factores asociados al rendimiento académico en estudiantes universitarios. *Revista de Educación a Distancia*, 44, 1-13.

- Mahumane, J. A. (2008). *Representações e percepções sobre crenças e tradições religiosas no Sul de Moçambique: O Caso das igrejas Zione*. Dissertação de Mestrado em Antropologia social e cultural. Universidade de Lisboa, Portugal.
- Marjoribanks, K., & Mboya, M. (2001). Age and gender differences in the self-concept of south African students. *The Journal of Social Psychology*, 141(1), 148-149.
- Marsh, H. W. & Hattie, J. (1996). Theoretical perspectives on the structure of self-concept. In: B. A. Bracken (ed.), *Handbook of self-concept. Developmental, social and clinical considerations*. (pp. 38-90). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Matovu, M. (2014). A structural equation modeling of the academic self-concept scale. *International Electronic Journal of Elementary Education*, 6(2), 185-198.
- Medina, V. J. L., & Arratia, N. I.G. (1999). El autoconcepto en hombres y mujeres mexicanos. *Ciencia Ergo Sum*, 3(6), 265-269.
- Micaelo, A. L. (2012). « Ana Bénard da Costa, *O preço da sombra: Sobrevivência e reprodução social entre famílias de Maputo* », *Etnográfica*, 2(13).
- Morreira, M; Barros, R., & Monteiro, A. (2014). Autoconceito académico em ambientes virtuais de aprendizagem. *Revista Educaonline*, 8(1), 74-109.
- Mwamwenda, T. S. (2004). *Psicologia educacional, uma perspectiva africana*. Maputo: Textos Editores.
- Paiva, M. O. A., & Lourenço, A. A. (2011). Rendimento académico: Influência do autoconceito e do ambiente de sala de aula. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 4(27) 393-402.
- Pauriyal, K., Sharma, S., & Gulati, J. (2010). Developmental trends in self-concept of urban adolescents: Gender differentials. *Journal of Psychology*, 1(2), 113-118.
- Pipa, J., & Peixoto, F. (2014). Tipo de ensino e autoconceito artístico de adolescentes. *Estudos de Psicologia*, 2 (31), 159-167.
- Soares, A. B., Francischetto, V., Dutra, B.M., Miranda, J. M., Nogueira, C. C. C., Leme V. R., Araújo, A. M., & Almeida, L. S. (2014). O impacto das expectativas na adaptação académica dos estudantes no ensino superior. *Psico-USF*, 19(1), 49-60.
- Soares, A. P., & Almeida, L. S. (2005). Questionário de Envolvimento Académico (QEA): Novos elementos para a sua validação. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 10(2), 139-158.
- Soares, A. P., Almeida, L. S., Diniz, A. M., & Guisande, M. A. (2006). Modelo Multidimensional de ajustamento de jovens ao contexto universitário (MMAU): estudo com estudantes de ciências e tecnologias versus ciências sociais e humanas. *Análise Psicológica*, 1 (24), 15-27.
- Stocker, J., & Faria, L. (2009). Auto-conceito e adaptação ao ensino superior: estudo diferencial com alunos da universidade do Porto. *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho, 4097-4109.
- Veiga, F. H. (1996). *Transgressão e autoconceito dos jovens na escola*. Lisboa: Edições Fim do Século.
- Véliz-Burgos, A., & Urquijo, P. A. (2012). Dimensiones del autoconcepto de estudiantes chilenos: Un estudio psicométrico. *Revista Educativa Hekademos*, 11(5), 47-58.